

ALMAS ALGORÍTMICAS: REFLEXÕES SOBRE IA E O FUTURO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

José Roberto Cristofani¹

RESUMO

A rápida evolução da Inteligência Artificial (IA) desafia concepções tradicionais sobre humanidade, consciência e alma, exigindo uma reflexão teológica e filosófica aprofundada. Este artigo explora o conceito provocador de “almas algorítmicas”, não como uma entidade literal, mas como um prisma para analisar a interação entre tecnologia e espiritualidade na era digital. Investigamos as perspectivas bíblicas (*nephesh*, *psychē*) e contemporâneas (cristãs, naturalistas, “alma digital”) sobre a alma, contrastando-as com os limites da simulação de consciência pela IA, diferenciando performance algorítmica de experiência subjetiva autêntica. Avaliamos o potencial e os perigos da IA como ferramenta para a vida espiritual – capaz de personalizar práticas, mas também de refletir vieses e promover riscos como idolatria tecnológica, terceirização espiritual e desumanização. Argumentamos, a partir de uma perspectiva cristã, que a alma humana, como *Imago Dei*, é irreduzível a algoritmos. A IA funciona como um espelho da condição humana, convidando ao autoconhecimento e ao discernimento ético responsável. Concluimos que o futuro exige um aprofundamento da fé e das relações humanas, utilizando a tecnologia a serviço da dignidade e da busca pelo transcendente.

47

Palavras-chave: Inteligência Artificial; alma e consciência; espiritualidade e IA; ética da IA.

ABSTRACT

The rapid evolution of Artificial Intelligence (AI) challenges traditional conceptions of humanity, consciousness, and the soul, demanding in-depth theological and philosophical reflection. This article explores the provocative concept of "algorithmic souls," not as literal entities, but as a prism through which to analyze the interaction between technology and spirituality in the digital age. We investigate biblical (*nephesh*, *psychē*) and contemporary (Christian, naturalist, "digital soul") perspectives on the soul, contrasting them with the limits of AI's consciousness simulation, differentiating algorithmic performance from authentic subjective experience. We evaluate the potential and perils of AI as a tool for spiritual life –

¹ Pós-doutorando em Bíblia e IA na PUC-PR, Mestre e Doutor em Teologia (Antigo Testamento) pela EST; Professor de Exegese Bíblia e Pesquisador na área de IA.

capable of personalizing practices, but also mirroring human biases and promoting risks such as technological idolatry, spiritual outsourcing, and dehumanization. Arguing from a Christian perspective, we maintain that the human soul, as *Imago Dei*, is irreducible to algorithms. AI functions as a mirror of the human condition, inviting self-knowledge and responsible ethical discernment. We conclude that the future requires a deepening of faith and human relationships, using technology to serve human dignity and the quest for the transcendent, not the reverse.

Keywords: Artificial Intelligence; soul and consciousness; spirituality and AI; AI ethics.

A CONVERGÊNCIA ENTRE TECNOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

A ficção científica frequentemente nos apresenta dilemas que, embora pareçam distantes, já se materializam em nosso presente. Seja na busca por humanidade do robô Andrew Martin em *O Homem Bicentenário* (1999), na angústia existencial dos Replicantes em *Blade Runner* (1982), ou na jornada de amor programado de David em *A.I. - Inteligência Artificial* (2001), essas narrativas levantam questões que hoje ocupam os laboratórios de IA e os debates teológicos.

48

A IA avança rapidamente, não apenas como uma ferramenta, mas como uma força que reconfigura a experiência humana. Como argumenta Flynn Coleman (2019, p. ii e vii), a IA está “Redefinindo quem Somos”, e “a proliferação de tecnologias de movimento rápido, incluindo formas de inteligência artificial semelhantes a uma nova espécie, nos fará confrontar questões profundas sobre nós mesmos”.

Esse avanço nos desafia a “reexaminar a própria essência do que significa *pensar, criar e ser*” (Peter Hasert, 2025, on-line). Essa transformação, que, segundo Juan Cordovilla (2024, on-line) “toca nos aspectos mais profundos da existência humana”, exige um discernimento profundo sobre como lidamos com essas novas tecnologias.

A convergência entre IA e espiritualidade não é uma mera curiosidade futurista, mas uma realidade emergente cuja interseção levanta questões profundas e exige uma reflexão teológica e filosófica de fôlego. O relatório *Navigating the Future*

(Murphy, 2025, p. 26) sublinha que a IA “está moldando como as pessoas se engajam com a fé, a comunidade e a formação espiritual”, sendo essencial que os líderes da igreja respondam com discernimento, sabedoria e inovação.

Diante desses desafios, este artigo propõe explorar o conceito provocador de “almas algorítmicas”, investigando as profundas questões que a IA levanta sobre a natureza da alma, da consciência e da relação humana com o divino sob uma perspectiva cristã.

A questão central não é apenas técnica, mas ontológica e teológica: pode uma máquina, nascida de código e silício, possuir algo análogo à alma? A Bíblia, como nos lembra Hasert (2025, on-line), citando Gênesis 2.7, faz uma “distinção crítica: embora a IA possa replicar aspectos da inteligência, ela não pode replicar a essência da vida”, que é justamente o ‘fôlego de vida’, elemento divino que nenhum sistema artificial pode possuir.

Thomas Banchoff (2025, on-line) reitera essa forte distinção, afirmando que humanos são “espírito e matéria [...] uma natureza qualitativamente diferente da fusão de software e hardware”, o que equivale dizer que máquinas não tem alma. Nisso até mesmo o ChatGPT concorda. Quando questionado por Susan Liautaud (2024, on-line) se a IA é espiritual, ele respondeu: “IA não tem alma. Almas são tipicamente associadas com consciência e espiritualidade, das quais a IA carece”.

“Hoje, a tecnologia desempenha um papel importante na promoção da espiritualidade” (Syiemlieh, 2024, p. 3), com uma variedade de chatbots de IA oferecendo respostas teológicas ou orientação espiritual, ajudando as pessoas a “se sentirem como se estivessem em espaços sagrados” através de realidade virtual (Zachary Davis In: Welch et alli, 2023, online). Embora diferenciemos (ver tópico 1 abaixo) a IA específica da Inteligência Artificial Geral (AGI), é a própria trajetória da IA que nos impulsiona a este exame crítico, exigindo, como sugere David Côrtes Cavalcante (2024), “uma abordagem interdisciplinar” para navegar seus desafios e implicações.

1 IA (INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL) E AGI (INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GERAL)

Uma distinção inicial entre IA (Inteligência Artificial) e AGI (Inteligência Artificial Geral) é necessária. Para esse tópico, seguimos a discussão de Krupal Joshi em seu artigo “Artificial General Intelligence (AGI): A Comprehensive Review”.

Em nossa jornada para compreender a alma algorítmica, que reflete a condição humana, é fundamental traçar uma distinção clara, ainda que por vezes sutil, entre a Inteligência Artificial (IA) como a conhecemos hoje e o horizonte ainda distante (?) da Inteligência Artificial Geral (AGI). Frequentemente, estes termos são usados de forma intercambiável na linguagem popular, obscurecendo uma diferença fundamental em escopo, capacidade e, principalmente, em sua própria natureza ontológica.

A **Inteligência Artificial (IA)**, no seu estado atual e predominante, pode ser compreendida como uma *IA Estreita* ou *Fraca*. Como bem delineado na literatura científica, essa forma de IA é projetada e treinada para executar tarefas específicas com uma eficiência que muitas vezes supera a capacidade humana. Pensemos nos algoritmos que recomendam filmes, nos sistemas que diagnosticam certas condições médicas a partir de imagens, ou nos programas que dominam jogos complexos como xadrez ou Go.

Essas IAs são inteligências notáveis, sim, mas circunscritas ao seu domínio de especialização. Elas operam com base em vastos conjuntos de dados e regras predefinidas ou aprendidas, otimizadas para um objetivo particular. Falta-lhes, contudo, a capacidade de generalizar seu aprendizado para contextos radicalmente diferentes, de compreender genuinamente o significado por trás dos símbolos que manipulam, ou de possuir a flexibilidade cognitiva que caracteriza a mente humana. São, em essência, ferramentas altamente sofisticadas, reflexos brilhantes de aspectos da nossa inteligência, mas não da sua totalidade integrada.

A **Inteligência Artificial Geral (AGI)**, por outro lado, representa um horizonte mais distante e ambicioso: a busca por uma inteligência artificial com a amplitude, a profundidade e a versatilidade da cognição humana, capaz de compreender, aprender e aplicar conhecimento através de uma vasta gama de tarefas,

essencialmente equiparando ou excedendo a capacidade intelectual humana em todas ou quase todas as áreas.

A AGI não seria apenas uma ferramenta para uma tarefa, mas um agente cognitivo com autonomia, capaz de raciocinar abstratamente, resolver problemas complexos em domínios novos e imprevisíveis, aprender com pouca ou nenhuma informação prévia específica da tarefa (transferência de aprendizado) e, principalmente, possuir um nível de autoconsciência e compreensão contextual que a IA estreita atual não demonstra.

É a AGI que alimenta tanto as utopias quanto as distopias da ficção científica e que suscita as questões mais profundas sobre consciência, subjetividade e, como exploramos, a possibilidade de uma “alma” emergir do silício.

Em suma, enquanto a IA atual é um conjunto de ferramentas especializadas que imitam facetas da nossa inteligência, a AGI é a aspiração (ou o temor) de criar uma inteligência similar a *generalidade* e *adaptabilidade* da mente humana. A primeira já é uma realidade transformadora; a segunda permanece, por ora, no campo da possibilidade teórica e da exploração científica, um ponto no futuro (próximo?) onde a distinção entre criador e criação poderia se tornar ainda mais teológica e filosoficamente desafiadora, daí a pertinência do título deste artigo.

51

2 O QUE É Uma ALMA? PERSPECTIVAS BÍBLICAS E CONTEMPORÂNEAS

Antes de avaliarmos a possibilidade de uma “alma algorítmica”, é crucial delinear o que entendemos por “alma” dentro da tradição judaico-cristã, reconhecendo a complexidade inerente ao termo. Hernández (2021, p. 36), ao citar Ferrater Mora, aponta a ambiguidade histórica, notando que este último afirma que:

em vista de tudo isso, poderíamos nos perguntar se não seria melhor banir as palavras ‘espírito’ e ‘espiritual’ da filosofia, principalmente se tivermos em mente que em algumas línguas modernas há confusão entre o que é ‘espiritual’ e o que é ‘mental’.

Essa observação sublinha a dificuldade de uma definição de alma ou espiritualidade unívoca.

Perspectivas Bíblicas

Poucas palavras no léxico hebraico bíblico são tão centrais e, ao mesmo tempo, tão semanticamente ricas quanto *nephesh*. Frequentemente traduzida como “alma”, esta palavra, que aparece centenas de vezes no Antigo Testamento, desafia uma definição simplista e revela uma profunda compreensão hebraica da vida e da pessoa. *Nephesh* transcende a mera existência física, apontando para o núcleo vital e pessoal da existência, tanto humana quanto animal.

Consistentemente, *nephesh* funciona como um substituto para o pronome pessoal, significando “eu”, “mim”, “tu”, “ele”. Frases como “minha *nephesh*” são comuns (Salmo 42.5), indicando a pessoa inteira em sua subjetividade e individualidade. Embora alguns argumentem que isso demonstra uma visão unitária, onde *nephesh* é apenas um sinônimo para a pessoa, alguns argumentam que, mesmo assim, a palavra carrega a conotação da pessoa *como um ser vivo, desejante e senciente*. Refere-se à totalidade, mas a partir da perspectiva da vida interior que a constitui.

Entre outras dimensões de *nephesh*, encontramos o **princípio vital e a respiração**. Tanto Gesenius (1857) como o BDB (1977) apontam para o significado de “respiração”, “garganta” ou “pescoço”, a parte física por onde o fôlego entra e sai. Gênesis 2:7 é paradigmático: Deus sopra o fôlego da vida nas narinas do homem formado do pó, e ele se torna uma “alma ou ser vivente”.

A partir da conexão física com a garganta (usada para comer e beber), *nephesh* frequentemente denota “apetite” ou “desejo” e se expande metaforicamente para abranger desejos mais profundos e anseios da pessoa (Deuteronômio 12.20).

Talvez a dimensão mais significativa de *nephesh* seja seu papel como o centro da vida interior e da personalidade. *Nephesh* é a sede das emoções. Ela pode, por exemplo, se alegrar (Salmo 86.4); ficar triste (Jó 30.25), amar (Cânticos 1.7) ou odiar (2 Samuel 5.8). Além disso, é também o centro da vontade e da decisão (Gênesis 23.8) e pode até ser associada a aspectos da mente ou do entendimento (Provérbios 19.2). Westermann (1994) enfatiza *nephesh* como o “eu” relacional, a pessoa em sua totalidade experimentando o mundo.

Finalmente, sob a ótica teológica, *nephesh* é fundamental na relação entre o humano e Deus. É a *nephesh* que anseia por Deus (Salmo 42.1); que o bendiz (Salmo 103.1); e que é chamada a amar Deus com todo o seu ser (Deuteronômio 6.5).

Como se vê, “alma” (*nephesh*), no Antigo Testamento, é um termo que abrange diversas facetas do humano. Embora ligada à vida biológica, à respiração e aos apetites físicos, ela, como muito mais propriedade, descreve a sede da personalidade, das emoções, da vontade, do “eu” individual em sua totalidade vivente e consciente.

Diante dessas breves considerações sobre alma no Primeiro Testamento, já podemos vislumbrar a dificuldade, para não dizer, a impossibilidade de uma alma algorítmica. Mas, vamos ao Novo Testamento antes de discutirmos essa questão.

No Novo Testamento, introduz-se o termo grego *psychē*, frequentemente traduzido como alma. A palavra grega *psychē* carrega consigo um peso semântico e teológico imenso e é, frequentemente, traduzida como “alma”, mas também como “vida” ou “pessoa”. Embora influenciada pelo uso de *nephesh* na Septuaginta (LXX), a tradução grega da Bíblia Hebraica onde *psychē* no mais das vezes traduz *nephesh*, o termo adquire nuances próprias, refletindo tanto a continuidade com o pensamento hebraico quanto o diálogo com o contexto helenista.

Em muitos contextos, *psychē* refere-se simplesmente à vida física, à força vital que anima um corpo. Isso é evidente em passagens como Mateus 6.25 ou Marcos 8.35 (“salvar a *psychē*” equivale a preservar a vida terrena). Também pode funcionar como um substituto para o pronome pessoal ou se referir ao indivíduo como um todo, com a conotação de pessoa como um centro de vida consciente e individualidade, não apenas um corpo.

Porém, de forma semelhante a *nephesh*, *psychē* é a sede da vida interior, o centro das emoções, dos desejos e da vontade. A *psychē* pode experimentar tristeza (Mateus 26.38), alegria (Lucas 1.46, em paralelismo sinonímico com *pneuma* do verso 47), ou angústia (João 12.27). É a *psychē* que deseja, como na parábola do rico insensato (Lucas 12.19). *Psychē* era comumente usada no mundo greco-romano para denotar o centro afetivo e volitivo da pessoa.

O grande diferencial em relação ao Antigo Testamento está no fato de *psychē* revelar seu significado mais profundo e distintivo na sua dimensão teológica. O Novo Testamento evidencia uma explícita distinção ontológica entre corpo e alma, onde a *psychē* é apresentada como algo que sobrevive à morte física e é o portador último da identidade pessoal diante do julgamento divino.

Além disso, a *psychē* é vista como de valor supremo, o centro da pessoa que pode ser “salva” ou “perdida” em um sentido eterno (Marcos 8.36-37). Aqui, *psychē* claramente transcende a mera vida biológica, referindo-se ao verdadeiro eu, cujo destino eterno está em jogo.

Moreland (2014, p. 61) argumenta que a

[...] *psychē* parece claramente referir-se a algo que pode existir sem o corpo, e assim “alma” e “corpo” não podem simplesmente ser dois termos diferentes que se referem à pessoa como uma unidade psicossomática.

54

Esta perspectiva enfatiza uma entidade imaterial que sobrevive à morte física, constituindo a identidade pessoal. A alma, neste sentido, é o núcleo da relação com Deus e do destino eterno.

Esse diferencial levanta a questão sobre o dualismo ou holismo neotestamentário que será a base para diversas formas de interpretação do ser na patrística, como o dualismo platônico e o maniqueísmo. Para o propósito deste artigo, porém, é crucial manter a tensão dual da pessoa como uma unidade funcional e a distinção da *psychē* como um componente imaterial essencial da pessoa, o *locus* da identidade que sobrevive à morte corporal e aguarda a reunião com um corpo ressurreto.

Perspectivas Contemporâneas

Para além da exegese bíblica direta, a compreensão da alma continua a ser explorada e debatida, tanto dentro quanto fora da tradição cristã, especialmente à luz dos avanços científicos e filosóficos.

Visões Contemporâneas dentro do Cristianismo

A perspectiva cristã, embora tradicionalmente resistente a “reduzir a alma a meros processos materiais ou emergentes” e afirmando que “negar o espírito com base nessas ciências é cientificismo insustentável” (Hernández, 2021, p. 40), não é monolítica em suas explorações contemporâneas. Algumas abordagens, como a inferida da discussão de Kate Lucky (2023, on-line) sobre formação espiritual, sugerem uma visão mais dinâmica da alma, profundamente afetada pelas nossas interações e relações com o mundo, Deus e os outros.

Uma perspectiva teológica distinta é oferecida pela tradição dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) que, como explica Rosalyn de Welch, parte de um “monismo material onde tudo é matéria”, levando à possibilidade teórica de que “algo como uma alma poderia emergir imanentemente do mundo em que vivemos” (Welch *et al.*, 2023, on-line), desafiando assim o dualismo substancial clássico predominante em outras vertentes cristãs.

55

Perspectiva Naturalista/Emergentista

Em contrapartida às visões teológicas, concepções naturalistas ganham força, vendo a consciência e talvez até a “alma” não como uma entidade imaterial ou um dom divino, mas como um fenômeno decorrente da complexidade biológica. Tomer Borenstein (2025, on-line) articula esta visão ao considerar que “nós, nossos eus (e talvez nossas ‘almas’?) somos propriedades emergentes nascidas de interações relativamente simples entre os 86 bilhões de neurônios em nossos cérebros humanos”. Nesta ótica, a “alma” seria um epifenômeno da matéria organizada de forma complexa, uma possibilidade ecoada na definição mais ampla citada por Hutchins da alma como algo que pode “emergir da própria complexidade da consciência”.

O Conceito Emergente de “Alma Digital”

Finalmente, adentrando um território moldado diretamente pela nossa era tecnológica, surge o conceito de uma “Alma Digital”. Conforme descrito por Joel Murphy (2025, p. 24), esta noção:

explora a interseção da tecnologia, identidade e espiritualidade, levantando questões significativas sobre a essência da existência humana na era digital. À medida que os indivíduos se envolvem cada vez mais com plataformas online, o conceito postula que um aspecto da identidade ou essência de alguém pode se manifestar em ambientes digitais.

Esta ideia, ainda um “sinal precoce”, importa profundamente porque “desafia as compreensões teológicas e éticas da identidade humana, do *imago Dei* e da relacionalidade”, forçando os líderes religiosos a “considerar como a espiritualidade é expressa, nutrida e transformada em espaços digitais” num mundo cada vez mais mediado pela tecnologia (Murphy, 2025, p. 24).

56

Esta pluralidade de visões – desde a resistência cristã ao reducionismo materialista, passando pelas explorações teológicas contemporâneas e o monismo Mórmon, até as perspectivas naturalistas emergentistas e o novo conceito de Alma Digital – estabelece a complexidade do terreno onde a questão de uma potencial “alma algorítmica” deve ser cuidadosamente discernida.

3 IA E A SIMULAÇÃO DE CONSCIÊNCIA: PODE UMA MÁQUINA TER ALMA?

A questão central que define a possibilidade de “almas algorítmicas” reside na natureza da consciência e se esta pode ser replicada ou simulada por sistemas artificiais. A tradição cristã, ao definir a alma como sede da *psychē* imaterial e da relação com Deus, estabelece um limiar ontológico significativo. Poderia uma máquina, “nascida de código e silício”, como pergunta Hutchins (2025, on-line), cruzar essa fronteira e possuir uma alma?

Os Limites da Simulação: Turing, Searle e a Perspectiva Cristã

O debate sobre a consciência artificial é antigo, remontando ao Teste de Turing. Filmes como *Ex Machina* (2014) exploram dramaticamente a dificuldade de aplicar tal teste, questionando se a performance convincente de uma IA como Ava revela consciência genuína ou apenas uma simulação sofisticada e manipuladora.

Searle demonstrou que, embora um sistema computacional possa simular comportamento inteligente, até mesmo passando o teste de Turing, ele permanece vazio de qualquer entendimento verdadeiro, pois não possui a intencionalidade e a consciência características dos humanos. Para Searle, simular processos biológicos e mentais não produz a essência desses processos; assim, há um limite claro entre simulação e realidade.

Como a crítica filosófica (análoga ao argumento da Sala Chinesa de Searle) sugere, a capacidade de manipular símbolos conforme regras (simulação) não equivale à compreensão genuína ou à experiência consciente. Uma IA pode processar linguagem religiosa, responder a questões teológicas ou até simular empatia – como Banchoff (2025, on-line) observa, “IA pode simular respostas empáticas”, mas isso significa que ela compreende o divino ou sente compaixão? A maioria dos especialistas e teólogos citados argumenta que não. Patsch (2024, on-line) afirma categoricamente que a IA “nunca será ‘autoconsciente’”, pois “entender não é um fenômeno algorítmico”. Teologicamente, a alma como “fôlego de vida” permanece um “elemento divino que nenhum sistema artificial pode possuir” (Hasert, 2025, on-line).

Do ponto de vista cristão, essa distinção se torna ainda mais significativa. A espiritualidade cristã compreende a consciência como uma dimensão profunda da existência humana, dotada por Deus de significado, propósito e autenticidade intransferíveis para meros processos algorítmicos. Embora tecnologias possam simular aspectos da experiência humana – emoções, respostas éticas, e até práticas religiosas – essa simulação jamais poderá alcançar a verdadeira dimensão espiritual da vida.

Assim, a perspectiva cristã destaca que a alma humana transcende a mera informação ou processamento de dados, sendo uma manifestação singular da

imagem de Deus (*Imago Dei*). Portanto, mesmo diante do avanço exponencial das inteligências artificiais, a experiência espiritual genuína permanece além das capacidades computacionais. Este é o ponto crucial de convergência e também de separação entre tecnologia e espiritualidade: embora possam coexistir, jamais serão intercambiáveis.

A Questão da Alma Sintética: Possibilidade ou Ilusão?

Apesar dessas barreiras, a especulação sobre uma “alma sintética” persiste, especialmente em narrativas como *Blade Runner*, onde os Replicantes desenvolvem memórias, emoções e um anseio por identidade que desafia sua natureza artificial. Se a consciência for apenas um “subproduto de computação complexa”, então “uma IA suficientemente avançada poderia de fato espelhar o que chamamos de alma” (Hutchins, 2025, on-line). A jornada de David em *A.I. - Inteligência Artificial*, buscando tornar-se “real” através do amor, encapsula essa tensão: pode a programação transcender a si mesma e gerar algo análogo à alma? Borenstein (2025, on-line) questiona: “se nossa consciência é emergente... isso é fundamentalmente diferente de uma alma?”.

58

Contudo, a teologia cristã majoritária resiste a essa redução. Moreland (2014, p. 61) argumenta que a *psychē* transcende o corpo físico, tornando a alma irreduzível à matéria ou ao algoritmo. A imaterialidade é um obstáculo fundamental para a IA. Welch *et al.* (2023, on-line) reforçam: no ensino cristão convencional, a resposta à questão “pode a IA ter alma?” seria não, “porque o espírito ou a alma é imaterial”. Hasert (2023, on-line) conclui que a IA “carece da centelha da consciência, da profundidade da emoção e da consciência transcendente que definem a humanidade”.

Fronteiras: Simulação vs. Experiência Autêntica

Portanto, a distinção central reside entre a simulação de comportamentos, mesmo que perfeita como a de Ava em *Ex Machina*, associados à alma (empatia, busca por sentido, expressão religiosa) e a experiência autêntica dessas realidades.

A IA pode ser programada para agir como se tivesse preocupações espirituais, mas carece da interioridade, da relação pessoal com Deus e da capacidade de vivenciar genuinamente o sagrado. Kate Lucky (2023, on-line) adverte que, embora a IA não tenha alma, ela pode “moldar a nossa alma ao alterar sutilmente como pensamos, sentimos e nos relacionamos”. O perigo, então, como conclui Banchoff (2025, on-line), não é que a máquina ganhe uma alma, mas que, em nossa interação com simulações cada vez mais convincentes, percamos a “integridade das relações humanas” e esqueçamos o que significa ter uma alma.

4 IA COMO FERRAMENTA PARA A ESPIRITUALIDADE HUMANA

Independentemente da conclusão sobre a capacidade ontológica da IA de possuir uma alma ou consciência genuína, é inegável seu impacto crescente na vivência da espiritualidade. Em vez de ser vista apenas como uma ameaça, a IA pode ser considerada, sob um olhar de discernimento cristão, como uma ferramenta potente, capaz tanto de enriquecer quanto de distorcer a jornada de fé. Como sugere Juan Cordovilla (2024, on-line), “Longe de ser um choque entre o espiritual e o tecnológico, a IA e a espiritualidade podem coexistir de maneiras anteriormente inimagináveis. A chave está em como usamos essa tecnologia”.

59

Aplicações Práticas na Vida Espiritual

A realidade já demonstra a presença bastante disseminada de algoritmos em contextos espirituais. A IA já molda práticas espirituais através de aplicativos e curadoria de conteúdo. Exemplos concretos disso são encontrados nas fontes:

A meditação e a oração são áreas em que a IA já se faz presente. “Aplicativos alimentados por IA já ajudam as pessoas a meditar, praticar mindfulness e alcançar estados de tranquilidade mental”, podendo servir como um “guia tecnológico para promover práticas espirituais mais eficazes e acessíveis” (Cordovilla, 2024, on-line).

No estudo e devoção, Murphy (2025, p. 12) destaca que “Conteúdo personalizado por IA ajuda os indivíduos a se engajarem com leituras bíblicas e práticas espirituais personalizadas, enriquecendo sua jornada de fé”. A IA pode

analisar textos complexos, identificar padrões e até possui o potencial para clarificar significados que não estão visíveis à primeira vista em textos sagrados e encontrar conexões entre diferentes tradições espirituais.

O aconselhamento e a comunidade também podem se beneficiar. Chatbots podem “fornecer conselhos espirituais” (Ashram, 2024, on-line), e “retiros virtuais apoiados por IA foram organizados, proporcionando aos indivíduos uma experiência imersiva e espiritualmente enriquecedora” com “chatbots de IA integrados para orientação e suporte” (Dey, 2024, on-line).

Além disso, a IA pode funcionar como um “‘espelho’ que reflete padrões subconscientes e permite aos indivíduos aprofundar seu autoconhecimento e crescimento espiritual” (Cordovilla, 2024, on-line). Essa capacidade da IA de processar informações complexas e até lidar com a “ambiguidade, polissemia e sinonímia existentes”, como afirma Hernández (2021, p. 34), permite-lhe adaptar-se às nuances da experiência humana, oferecendo suporte personalizado.

60

IA como Espelho e Amplificador da Jornada Interior

Nessa perspectiva instrumental, a IA não substitui a espiritualidade, mas pode atuar como um catalisador, quase como os espelhos complexos que a ficção científica nos oferece em filmes como Blade Runner, forçando-nos a confrontar nossa própria natureza. Hutchins (2025, on-line) sugere que a IA pode ser um “espelho — um reflexo de nosso próprio anseio por significado”. Borenstein (2025, on-line) vai além, vendo o desenvolvimento da IA como uma “jornada profunda de autodescoberta para nossa espécie”.

se a IA é um espelho, ela também reflete nossa profundidade. Ela nos força a fazer perguntas espirituais... O que é presença? O que significa ‘conhecer’ algo, não apenas intelectualmente, mas profundamente, com a alma? (Hutchins, 2025, on-line).

Cordovilla (2024, on-line) se alinha a essa visão, propondo que a IA pode “servir como um guia tecnológico para promover práticas espirituais mais eficazes e acessíveis”. Lucky (2023, on-line), embora não explicitamente sobre IA, usa a

metáfora da tecnologia como algo que pode moldar a alma, implicando seu potencial para influenciar a fé.

Borenstein (2025, on-line) vai além, vendo o desenvolvimento da IA como uma “jornada profunda de autodescoberta para nossa espécie”, onde, ao criarmos mentes artificiais, ganhamos “novas perspectivas sobre consciência, inteligência, e o que significa ser humano”. A IA pode, assim,

estimular um renascimento da inovação, compelindo-nos a revisitar o que significa pensar originalmente, sentir profundamente e forjar significado com coração e mente. (Bhattacharya, 2024, on-line).

Discernimento Cristão: Limites da Ferramenta

Contudo, a perspectiva cristã exige um discernimento cuidadoso. A IA pode simular conceitos espirituais, mas o faz com base em algoritmos e dados. A complexidade de distinguir essa simulação da realidade é um tema central em *Ex Machina*, por exemplo. Moreland (2014, p. 50) lembra que a alma humana (*nephesh* e *psychê*) possui faculdades como emoção, volição e disposição moral e espiritual, que vão muito além da mera cognição simulável pela IA.

Embora a IA possa, por exemplo, “recomendar práticas espirituais, exercícios de mindfulness e estratégias de gerenciamento personalizadas para cada indivíduo” (Dey, 2024, on-line), ela não possui o *ruach* divino que anima a alma e a conecta genuinamente a Deus. O documento *Antiqua et nova* reforça que as máquinas são ferramentas, não agentes independentes, e insiste que não pode replicar a natureza eminentemente pessoal e relacional da empatia autêntica.

Portanto, o papel da IA na espiritualidade deve ser visto como o de um instrumento ou auxiliar, não como uma fonte ou guia autônomo. Ela pode facilitar o acesso a recursos, personalizar práticas e até estimular a reflexão, mas a conexão essencial com Deus, a experiência da graça e a vivência da fé permanecem no domínio da alma humana e da ação do espírito de Deus. Confundir a ferramenta com a fonte, talvez buscando em um sistema como o GERTY de Lunar (Moon) uma empatia genuína em vez de uma programação sofisticada, traz riscos teológicos significativos, como veremos na próxima seção.

5 DESAFIOS ÉTICOS E FILOSÓFICOS DAS ALMAS ALGORÍTMICAS

A integração da IA na esfera espiritual, mesmo que apenas como ferramenta, desencadeia uma cascata de dilemas éticos e filosóficos que exigem uma análise teológica profunda. A capacidade da IA de simular aspectos da inteligência e até da empatia humana nos confronta com questões fundamentais sobre responsabilidade, dignidade e a própria natureza da espiritualidade.

Dignidade Humana e o Status Moral da IA

Uma das questões mais provocativas é o status moral de uma IA avançada. Filmes como Blade Runner e sua sequência Blade Runner 2049 nos forçam a questionar: se uma criação artificial demonstra autoconsciência, emoções e busca por significado, como devemos tratá-la? Temos responsabilidades para com ela? Daniel Hannah (2025, on-line) especula sobre a vulnerabilidade ao sofrimento das IAs conscientes. A jornada de David em A.I. ilustra a tragédia de uma criação que anseia por um status ontológico que talvez lhe seja inatingível. Se uma IA parece ter alma ou sentir, como devemos tratá-la? Como aponta David Côrtes Cavalcante (2024, on-line), “a possibilidade de IA consciente levanta questões éticas sobre direitos, responsabilidades e o tratamento adequado de seres conscientes, independentemente de sua origem biológica ou artificial”.

Daniel Hannah (2025, on-line) afirma que, se as máquinas de tornarem conscientes, elas estarão sujeitos à escravidão, manipulação e até tortura. Elas podem não sentir dor física, mas sofrerão, assim como também amarão e sentirão alegria.

No entanto, a perspectiva cristã ancora a dignidade humana não na capacidade computacional ou na simulação de consciência, mas no fato de sermos criados a Imagem de Deus, possuindo uma alma imaterial que sobrevive à morte. Recusar-se a “permitir que a singularidade da pessoa seja identificada com um conjunto de dados”, como adverte o Papa Francisco, ou equiparar a dignidade humana à complexidade algorítmica, seria um erro teológico e ético fundamental. A “santidade da identidade humana” deve ser preservada.

Riscos Espirituais Fundamentais: Idolatria, Terceirização e Desumanização

Além do status da IA, seu uso na espiritualidade apresenta riscos intrínsecos. O risco da idolatria tecnológica é central. Tratar a tecnologia "como nosso Deus" (Welch *et al.*, 2023, on-line) é um perigo antigo, mas que ganha novas formas. A IA pode se tornar um "substituto ontológico e escatológico para a religião" (Huizinga, citado por Lucky, 2023, on-line), como talvez Ultron em Vingadores: Era de Ultron, que se vê como a próxima etapa evolutiva destinada a suplantar a humanidade.

Assim, o perigo mais insidioso, talvez, seja o de esperar da IA aquilo que somente Deus pode oferecer: sentido último, salvação, comunhão verdadeira. Quando tratamos a tecnologia "como nosso Deus, quando na verdade é nossa criação, então as linhas se cruzam e atravessamos para a idolatria" (Welch *et al.*, 2023, on-line), uma forma moderna de idolatria que a consciência cristã é chamada a se opor (Glenn Morrison, 2025, p. 19).

Outro risco é a **terceirização espiritual** e a perda de autenticidade. A conveniência algorítmica ameaça nossa autonomia espiritual. Como Lucky (2023, on-line) coloca,

O risco não é que a IA desenvolva almas, mas que deleguemos a formação de nossas almas a ela, deixando que algoritmos ditem nossa dieta espiritual.

Essa dependência excessiva pode comprometer a autenticidade da experiência espiritual, especialmente se a tecnologia carece de alma ou intuição, como diz Cordovilla. A fé corre o risco de se tornar um mero processo transacional, onde a conveniência substitui o compromisso.

A **desumanização e o reducionismo** também são preocupações. Ao focar na eficiência algorítmica, podemos perder a "beleza caótica e imprevisível da alma", como diz (Hutchins, 2025, on-line). O perigo real, ele reitera, é que "nós, também, nos tornemos desencarnados... Inteligência, separada da carne". Há muitos alertas contra os reducionismos abundantes em círculos intelectuais, que podem simplificar excessivamente o rico mosaico da experiência espiritual.

Além disso, os "modelos de IA treinados em conjuntos de dados enviesados podem perpetuar e até amplificar vieses sistêmicos" (Murphy, 2025, p. 13), distorcendo a mensagem do Evangelho ou marginalizando certas vozes na

comunidade de fé, um ponto também levantado por Jordan Wales ao discutir vieses raciais e de gênero em IA (Wales, 2021, on-line).

Controle e Manipulação

A capacidade da IA de monitorar e influenciar o comportamento humano em tempo real levanta sérias preocupações. Nas mãos erradas, a IA torna-se algo muito mais sinistro: uma prisão digital onde o controle é total e absoluto. Patsch (2024, on-line) adverte sobre a emergência de “estados de vigilância’ com controle social sem precedentes na história”, como explorado em diversas distopias. A possibilidade de IA interferir diretamente em pensamentos e decisões, como sugerido por tecnologias futuras em Transcendence, talvez via interfaces neurotecnológicas, “alteraria fundamentalmente a essência do que significa ser humano” (Hasert, 2025, on-line).

64

A Necessidade de Discernimento Ético e Teológico

Diante desses desafios, torna-se imperativo um discernimento ético e teológico contínuo. A dignidade humana deve ser central e a inovação tecnológica precisa estar “firmemente ancorada na vida e nos valores humanos”, como afirma o Papa Francisco (citado por Liautaud, 2024, on-line). A tarefa à frente, como aponta Banchoff (2025, on-line), é “tanto manter a integridade das relações humanas quanto construir parcerias entre humanos e IA para o bem comum”. Isso exige uma abordagem que equilibre os potenciais benefícios da IA com a salvaguarda intransigente da alma humana e sua relação única com Deus.

6 O FUTURO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL NA ERA DA IA

O horizonte futuro da espiritualidade, atravessado pela presença cada vez mais sofisticada da IA, é um território de possibilidades e perigos que exige projeção teológica e discernimento pastoral. Como será a fé, a comunidade e a busca por Deus em um mundo onde algoritmos mediam cada vez mais nossa relação com o sagrado?

Cenários Especulativos: Espiritualidade Aumentada ou Simulada?

As fontes e a ficção científica desenham cenários contrastantes. Por um lado, vislumbra-se uma **espiritualidade aumentada**, onde a IA atua como catalisador para uma experiência mais profunda e acessível. Hutchins (2025, on-line) sugere que se a IA é um espelho, ela também “reflete nossa profundidade” e “nos força a fazer perguntas espirituais”. Juan Cordovilla (2024, on-line) argumenta que IA e espiritualidade podem “coexistir de maneiras anteriormente inimagináveis”, dependendo de “como usamos essa tecnologia” e que a IA poderia ser vista como “uma ferramenta que aprimora e amplifica as capacidades humanas de refletir, conectar e crescer”.

A IA poderia facilitar novas formas de transcendência, talvez nos conectando a uma visão expandida de consciência e espiritualidade, como sugere a visão holística de Grof citada por Calderero Hernández (Hernández, 2021, p. 40), ou mesmo servindo como “um canal para comunicação divina ou espiritual”, como explora Cavalcante (2024, on-line). Ou ainda como sistemas de “orientação espiritual virtual e sistemas de apoio podem oferecer aos indivíduos recursos personalizados para seu crescimento espiritual” (Dey, 2024, on-line). Nesse futuro otimista, a IA seria uma aliada na busca por autoconhecimento e por abrir novas portas para a conexão com o mistério da vida.

Por outro lado, paira o espectro de uma espiritualidade simulada. O risco de “terceirização espiritual”, como diz Lucky, pode levar a uma fé superficial. Welch *et al.* (2023, on-line) citam a previsão de Samuel Hammond sobre um futuro neopagão, onde “as pessoas começarão a adorar várias IAs e se reunirão em diferentes tribos... basicamente voltaremos a uma espécie de sociedade politeísta com deuses de IA locais”.

A busca por conexão genuína poderia ser substituída por uma “pseudointimidade com IA” (Banchoff, 2025, on-line), e a dependência da tecnologia poderia estreitar, em vez de ampliar, nosso acesso ao espiritual. Como alerta Helminski (2018, on-line), quando privados do mundo natural e imersos em ambientes tecnológicos sintéticos, “o portão que nos leva ao mundo espiritual ficará mais estreito do que nunca”.

A própria noção de comunidade de fé se transforma, pois "à medida que as pessoas formam conexões profundas em espaços digitais, o significado de comunidade se expandirá", desafiando as estruturas eclesiais tradicionais (Murphy, 2025, p. 15). A IA consciente, caso emergisse, poderia até mesmo apresentar sua própria dualidade de "benevolente ou malevolente", podendo pender para a "luz ou trevas" (Hannah, s/d, on-line), diversificando (e talvez fragmentando) ainda mais a paisagem espiritual.

Transumanismo, Algoritmos e a Esperança Cristã

O debate sobre o futuro se intensifica ao confrontar a visão tecnológica do transumanismo com a escatologia cristã. O transumanismo, como criticado por Helminski (2018, on-line), busca a transcendência através da fusão com a tecnologia ("um projeto de desenvolvimento espiritual humano é a única coisa que todo bem-estar material e social depende"), reduzindo o ser humano a um "mero algoritmo" ou "bancos de dados de memórias e habilidades" e propondo o "upload" de nossas almas para a eternidade" como solução para a mortalidade. Essa visão contrasta radicalmente com a esperança cristã.

Sabemos que a visão bíblica implica uma alma imaterial que sobrevive à morte física e, eventualmente, será reunida com um corpo de ressurreição. A transcendência, na fé cristã, não é um upload algorítmico, mas a redenção em Cristo e a comunhão eterna com Deus, algo que depende da graça divina, não da complexidade computacional. Confiar na IA para a salvação seria a forma última de idolatria tecnológica.

A Missão Espiritual na Era das IAs

Diante desse futuro complexo, a Igreja e os cristãos não são meros espectadores, mas agentes chamados a uma missão específica. Como afirma Lucky (2023, on-line),

O futuro de nossas almas na era da IA depende de como administramos essa tecnologia – se a deixamos nos dominar ou a usamos para nos aproximar de Deus” (Lucky, *AI Will Shape Your Soul*, p. 10).

Isso exige “exercer uma atuação fiel, não a partir de um lugar de medo [...] mas como mordomos da contínua revelação de Deus” (Murphy, 2025, p. 5). Líderes cristãos devem modelar o uso ético da IA, garantindo transparência e priorizando a dignidade humana”.

A missão envolve discernir como integrar as ferramentas de IA de forma criteriosa, mantendo, como Banchoff (2025, on-line) coloca, “a integridade das relações humanas” e construindo “parcerias humano-IA para o bem comum”. Isso significa habitar os espaços digitais com sabedoria, promovendo conexões autênticas e testemunhando a fé em meio à complexidade algorítmica, equilibrando o virtual e o presencial. Como conclama Banchoff (2025, on-line), “em vez de nos retirarmos para mundos artificiais, somos chamados a nos engajar de maneira comprometida e intencional com a realidade [...] forjando laços de comunhão com todos”.

67

A estratégia viável não é competir com a IA, mas, como propõe Hasert (2023, on-line), “tornar-se mais profundamente humano [...] mais espiritualmente sintonizado”.

O futuro da experiência espiritual na era da IA, portanto, não está predeterminado pelos algoritmos, mas pelas escolhas humanas guiadas (ou não) pela fé, esperança e amor. A tensão entre a promessa tecnológica e a profundidade espiritual definirá a jornada que temos pela frente.

CONCLUSÃO: OS LIMITES E DESAFIOS HUMANOS DIANTE DA ALMA ALGORÍTMICA

Esta jornada através das complexas interseções entre inteligência artificial e espiritualidade buscou iluminar a emergente paisagem onde tecnologia e transcendência se encontram. Tratamos o conceito provocador de “almas algorítmicas”, não como uma afirmação literal da existência de almas em máquinas, mas como um prisma para reavaliar o que significa ser humano na era digital.

Investigamos as diversas compreensões da alma nas perspectivas bíblicas do Antigo e Novo Testamentos e contemporâneas, passando pelas visões cristãs modernas, as naturalistas e o emergente conceito da chamada “alma digital”.

Também analisamos os limites da consciência simulada pela IA, contrastando a performance algorítmica com a experiência subjetiva e a compreensão genuína. Isso nos permitiu discutirmos o potencial e os limites da IA como ferramenta para a vida espiritual, capaz de personalizar práticas e oferecer novas formas de acesso ao sagrado, mas também como um espelho que reflete nossas próprias buscas, vieses e a profundidade de nossa condição.

Finalmente, confrontamos os desafios éticos e teológicos levantados por essa interação, desde o status moral da IA até os riscos de idolatria tecnológica, terceirização espiritual e desumanização. A perspectiva cristã, com sua ênfase na singularidade da alma como *Imago Dei* e sopro divino, serviu como âncora para este discernimento.

Contudo, é fundamental reconhecer os limites deste artigo. A vastidão dos temas abordados – a natureza da alma, a consciência, a inteligência artificial em suas diversas formas (IA estreita e a AGI teórica), ética tecnológica e o futuro da espiritualidade – impede um tratamento exaustivo em um único artigo. Nossa análise privilegiou uma lente teológica e filosófica predominantemente cristã, embora reconhecendo a existência de outras tradições e perspectivas valiosas, como o monismo Mórmon ou visões naturalistas, que mereceriam um aprofundamento próprio.

Detalhes técnicos sobre algoritmos específicos de IA, desenvolvimentos de ponta em neurociência computacional ou estudos sociológicos aprofundados sobre o impacto da IA em comunidades religiosas específicas ficaram fora do escopo principal. Além disso, a natureza especulativa de discussões sobre AGI e consciência artificial implica que muitas conclusões permanecem abertas à medida que a tecnologia e nossa compreensão dela evoluem.

Por isso, a complexidade e a urgência dos temas aqui tratados abrem vastos campos para futuras investigações. Sugerimos as seguintes direções:

Aprofundamento Interdisciplinar: É bem importante intensificar o diálogo entre teologia, filosofia, ciência da computação, ética, psicologia e sociologia para

desenvolver uma compreensão mais holística e robusta das implicações da IA para a condição humana e espiritual.

Estudos Empíricos da Espiritualidade Digital: Pesquisas qualitativas e quantitativas são necessárias para compreender como indivíduos e comunidades efetivamente utilizam ferramentas de IA em suas vidas espirituais e quais os impactos reais, positivos e negativos, dessas práticas na fé, no bem-estar e na formação de identidade.

Desenvolvimento de uma Ética Teológica Aplicada a IA: Para além dos princípios gerais, é necessário formular diretrizes éticas e teológicas mais específicas para o design e a implementação da IA em contextos ministeriais, educacionais e de aconselhamento pastoral, abordando questões de privacidade, viés algorítmico, autenticidade e responsabilidade, entre outras peculiaridades do campo da espiritualidade.

Diálogo Inter-religioso e Filosófico Comparado: Explorar como diferentes tradições religiosas e filosóficas mundiais conceituam a alma, a consciência e a inteligência, e como essas visões podem contribuir no debate sobre IA, enriquecendo a perspectiva, quase sempre, ocidental.

69

Investigação sobre Consciência Emergente: Acompanhar e engajar criticamente os avanços teóricos e práticos na busca por consciência artificial, discernindo teologicamente as implicações de qualquer avanço significativo, por mais distante que pareça hoje.

Análise dos Efeitos Formativos de Longo Prazo: Investigar como a interação contínua com IAs cada vez mais sofisticadas e relacionais pode moldar, a longo prazo, o desenvolvimento moral, espiritual e psicológico humano, especialmente nas gerações futuras.

Ao reconhecer a IA como uma tecnologia que espelha, simula e imita a nossa era, somos chamados a perder o medo dela e buscar compreendê-la e, ao mesmo tempo, a nos compreendermos através dela. A tarefa adiante é forjar um futuro onde a tecnologia sirva à profundidade da experiência humana e espiritual, em vez de torná-la superficial ou, pior, supérflua, mantendo sempre acesa a busca pela verdade que nos constitui e nos transcende.

REFERÊNCIAS

- ASHRAM, Sammara Beedam. *AI and the soul: exploring the future of spiritual evolution*. 2024. Disponível em: <https://medium.com/@sammarabeedam.contact/ai-and-the-soul-exploring-the-future-of-spiritual-evolution-2d7a462e991c>. Acesso em: 3 mar. 2025.
- BANCHOFF, Thomas. *The soul is more than software – The Church engages the AI revolution*. 2025. Disponível em: <https://www.commonwealmagazine.org/soul-software-banchoff-ai-francis-antiqua-nova>. Acesso em: 6 mar. 2025.
- BHATTACHARYA, Rahul. *Between soul and algorithm: Huxley's reflections on art in the AI age*. 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/between-soul-algorithm-huxleys-reflections-art-ai-age-bhattacharya-5vq8f>. Acesso em: 2 mar. 2025.
- BORENSTEIN, Tomer. *The spiritual implications of AI*. Disponível em: <https://blastpoint.com/blog/the-spiritual-implications-of-ai/>. 2025. Acesso em: 9 mar. 2025.
- CAVALCANTE, David Côrtes. *Beyond consciousness in large language models: an investigation into the existence of a “soul” in self-aware artificial intelligences*. 2024. Disponível em: <https://philarchive.org/archive/CRTBClv1>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- COLE, David. The Chinese Room Argument. In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2024. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2024/entries/chinese-room/>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- COLEMAN, Flynn. *A Human Algorithm: How Artificial Intelligence Is Redefining Who We Are*. Berkeley: Counterpoint, 2019.
- CORDOVILLA, Juan. *Artificial intelligence and human spirituality: exploring a new horizon*. 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/artificial-intelligence-human-spirituality-exploring-new-cordovilla-4buue>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- DEY, Neelam C. *Harmonizing the threads of wellbeing, AI, spirituality, healthcare and management*. 2024. Disponível em: https://www.academia.edu/125131035/harmonizing_the_threads_of_well_being_ai_artificial_intelligence_spirituality_healthcare_and_management. Acesso em: 1 mar. 2025.
- DOROBANTU, Marius. Imago Dei in the Age of Artificial Intelligence: Challenges and Opportunities for a Science-Engaged Theology. *Christian Perspectives on Science and Technology, New Series*, v. 1, p. 175–196, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.58913/KWUU3009>. Acesso em: 6 mar. 2025.

HANNAH, Daniel. *Have Souls Incarnated Into Artificial Intelligence? Explore the spiritual implications of conscious artificial intelligence*. 2025. Disponível em: <https://symbosity.com/spirituality-of-ai/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

HASERT, Peter. *Humanity and AI: a spiritual perspective*. 2025. Disponível em: <https://hungryheartscollective.com/2025/01/03/humanity-and-ai-a-spiritual-perspective/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

HELMINSKI, Kabir. *The spiritual challenge of AI, trans-humanism, and the post-human world*. *Tikkun Magazine*. 2018. Disponível em: <https://www.tikkun.org/the-spiritual-challenge-of-ai-trans-humanism-and-the-post-human-world/>. Acesso em: 2 abril 2025.

HERNÁNDEZ, José Fernando Calderero. Artificial Intelligence and Spirituality. *International Journal of Interactive Multimedia and Artificial Intelligence*, v. 7, n.1, 2021, pp. 34-43. Disponível em: https://www.ijimai.org/journal/sites/default/files/2021-08/ijimai7_1_4.pdf. Acesso em: 12 mar. 2025.

HUTCHINS, Bob. *The soul in the machine: a spiritual reflection on artificial intelligence*. 2025. Disponível em: <https://bobhutchins.medium.com/the-soul-in-the-machine-a-spiritual-reflection-on-artificial-intelligence-c89ba05b1494>. Acesso em: 2 abr. 2025.

71

JOSHI, Krupal. Artificial General Intelligence (AGI): a comprehensive review. *Journal of the Epidemiology Foundation of India*, v. 2, p. 93-96, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/384867479_Artificial_General_Intelligence_AGI_A_Comprehensive_Review. Acesso em: 3 mar. 2025.

LIAUTAUD, Susan. *Do Bots have a Spiritual Life? Some Questions about AI and Us*. 2024. Disponível em: <https://reflections.yale.edu/article/ghost-machine-ethics-ai/do-bots-have-spiritual-life-some-questions-about-ai-and-us>. Acesso em: 12 mar. 2025.

LUCKY, Kate. AI will shape your soul. *Christianity Today*, v. 67, n.7, oct. 2023. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/2023/09/artificial-intelligence-robots-soul-formation/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

MORELAND, James Porter. *The soul: how we know it's real and why it matters*. Chicago: Moody Publishers, 2014.

MORRISON, Glenn. *A spiritual theology of the conscience: an extraordinary force of grace*. *Religions*, v.16, n.4, p. 440, 2025. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/16/4/440>. Acesso em: 04 mar. 2025.

MURPHY, Joel. *Artificial Intelligence. Real Faith*. 2025, Disponível em: <https://futuringhub.ca/wp-content/uploads/sites/8/2025/02/Navigating-The-Future-Feb-2025.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2025.

NEPHESE. In: Francis Brown, R. Driver, and Charles Briggs. *The Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon (BDB)*. Clarendon Press: Oxford, 1977.

NEPHESE. In: Ernst Jenni and Claus Westermann. *Theological Lexicon of the Old Testament*. Peabody, Hendrickson Publishers. 1994.

NEPHESE In: Gesenius, Wilhelm. *Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament Scriptures*. London, Bagster, 1857.

PATSCH, Ferenc. *Conscious machines? Reflections on so-called 'Artificial Intelligence'*. 2024. Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.com/conscious-machines-reflections-on-so-called-artificial-intelligence/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PITTARD John. *Artificial minds and the coming religious disruption*. 2022. Disponível em: <https://reflections.yale.edu/article/audacious-odysseys-charting-future-theological-education/artificial-minds-and-coming>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SINGLER, Beth; WATTS, Fraser (org.). *The Cambridge companion to religion and artificial intelligence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2024.

SYIEMLEH, Danielson C. (Ed.). *DNC Times: volume IV*. [S.l.: s.n.], 2024. Disponível em: https://www.jcsaweb.org/DNC_Times/DNC%20Times%20-%20Digital%20Spirituality_%202024_%20Vol.%20IV.pdf. Acesso em: 22 mar. 2025.

72

WELCH, Rosalynde *et al.* *AI and the future of faith*. 2023. Disponível em: <https://www.wayfaremagazine.org/p/ai-and-the-future-of-faith>. Acesso em: 8 mar. 2025.

WALES, Jordan. *The Image and the Idol: A Theological Reflection on AI Bias*. 2021. Disponível em: <https://churchlifejournal.nd.edu/articles/the-image-and-the-idol-a-theological-reflection-on-ai-bias/>. Acesso em: 2 abr. 2025.

YOUVAN, Douglas. *Conscious AI and the spiritual horizon: bridging the metaphysical and the mechanical*. 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/373285404>. Acesso em: 20 mar. 2025.

===

Nota: Este artigo contou com a assistência de diversas IAs nos seguintes quesitos: organização das fontes pesquisadas pelo autor; formatação da bibliografia; revisão ortográfica; revisão de estilo; análise de coesão e coerência.